

## A atualidade do gótico

Fernando Monteiro de Barros<sup>1</sup>

Júlio França<sup>2</sup>

Surgida no auge do Iluminismo com o romance *The castle of Otranto*, de Horace Walpole, publicado em 1764, a literatura gótica, considerada um gênero desprezível e menor por parte da crítica literária ao longo dos anos, tem se revelado duradoura como a própria modernidade dentro da qual se engendrou. São contínuas e inesgotáveis as suas atualizações, até os dias de hoje, tanto na literatura quanto nas mais diversas mídias: cinema, rádio, televisão, histórias em quadrinhos, jogos eletrônicos etc.

No cenário globalizado e pluralizado da contemporaneidade, categorias do Gótico exógenas ao cenário europeu, como o *American Gothic* e o *Southern Gothic*, vêm ocupando espaço nos trabalhos acadêmicos em um movimento de hibridismo cultural no qual a hegemonia do centro passa a conviver com a pluralidade das margens.

Do monstro de Frankenstein aos zumbis, das fantasmagorias de Otranto ao heroico assassino serial da série televisiva *Dexter*, o dossiê **(Re)Leituras do Gótico Literário** apresenta, em uma perspectiva tanto transcultural quanto transdiscursiva, um amplo espectro de leituras e releituras do gênero em suas diversas aparições nesses duzentos e cinquenta anos de sua permanência na literatura, na cultura e no imaginário do mundo ocidental.

O dossiê é inaugurado com o artigo de Julio Jeha, “As ligações criminais do Gótico”. O professor da Universidade Federal de Minas Gerais explora as inextricáveis relações entre o Gótico e a literatura de crime, através da análise comparativa de textos seminais, tanto da ficção gótica quanto da ficção de detetive, mostrando como são inúmeros os aspectos narrativos comuns a ambos os gêneros, de suas origens até a contemporaneidade.

Na sequência, três artigos irão se dedicar a obras fundamentais do Gótico. No primeiro deles, Aparecido Donizete Rossi analisa *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, em busca da pré-história do novo gênero literário. Recorrendo a uma reflexão sobre as Trevas

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Literatura Brasileira no Curso de Graduação em Letras e do Curso de Especialização em Estudos Literários da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Professor Adjunto de Teoria da Literatura do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. *Visiting Scholar* na Brown University, com bolsa da CAPES. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq).

como conceito operacional, o articulista investiga os primórdios da ficção gótica em textos de Homero, Virgílio, Dante e Milton.

A obra consensualmente considerada a fundadora do Gótico literário também é analisada por André de Sena Wanderley. Focalizando os aspectos imaginativos ligados ao universo noturno, o ensaísta coteja o romance de Walpole com o conto “O morgadio”, de E. T. A. Hoffmann (1776-1822). Seu objetivo é identificar de que modo as tipologias iniciais do Gótico abrem espaço para as criações artísticas posteriores ligadas ao horror.

*Frankenstein*, de Mary Shelley, obra central do Gótico romântico, é o objeto de estudo de Thiago dos Santos Braz da Cruz e Maria Cristina Cardoso Ribas. A partir da percepção de que as experiências transformadoras que marcaram a modernidade deram forma, na narrativa ficcional, a monstrosidades, o artigo revela como a figura do monstro na literatura universal pode acionar um mecanismo de recusa aos paradigmas em voga, ao reproduzir “o outro” humano.

As manifestações do Gótico na literatura brasileira aproximam os quatro ensaios seguintes. Abrindo a série, Maurício Menon mapeia as percepções que alguns dos principais historiadores e críticos literários tiveram acerca do Gótico na literatura brasileira. O elenco de críticos, historiadores e obras abordadas no ensaio é mais uma contribuição do autor para a formação de um cânone gótico nacional.

Fernando Monteiro de Barros investiga a presença do Gótico na obra seminal de Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala*, tomando como base o subgênero *Southern Gothic* – o Gótico do sul dos Estados Unidos, representado por William Faulkner – para pensar no que poderia ser um subgênero nosso, a se intitular *Gótico brasileiro*.

A influência da estética gótica na poética naturalista é o tema do artigo de Júlio França e Marina Sena. Os autores propõem uma leitura das três versões do conto “Demônios”, de Aluísio Azevedo, para demonstrar que as modificações operadas pelo escritor não eliminaram o caráter gótico da narrativa, mas afastaram-na significativamente da fatura naturalista.

Na sequência, outra obra do escritor maranhense é objeto de análise. Lainister de Oliveira Esteves reflete sobre como Aluísio Azevedo apropriou-se do conto “A morte amorosa”, de Théophile Gautier, para escrever o folhetim *A mortalha de Alzira*. O pesquisador levanta uma série de questões acerca das relações entre o Realismo, o Naturalismo e a imaginação romântica na literatura brasileira da segunda metade do século XIX.

A presença de elementos góticos nos contos “À beira do pouso” e “Pelo caiapó velho”, do escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos, é o objetivo do artigo de Fabianna Simão Bellizzi Carneiro. O ensaio é parte de sua tese de doutorado em curso, que objetiva estudar as manifestações do Gótico tomado como uma das vertentes da literatura fantástica, no sertão brasileiro.

O último artigo dedicado ao Gótico no Brasil é o de Alexander Meireles da Silva. A partir da leitura de contos de autores como Monteiro Lobato, João do Rio e Coelho Neto, o pesquisador demonstra como a sífilis, a febre amarela, a varíola, a peste bubônica e a hanseníase exerceram significativa influência em narrativas cujas estruturas e temáticas guardam semelhanças com a literatura gótica europeia e norte-americana.

Saindo do âmbito do Brasil, a reflexão sobre o Gótico na literatura se faz presente nos dois ensaios subsequentes. O diálogo entre as estéticas decadentista e a gótica no romance *The Tutu, morals of the fin de siècle* (1891), cuja autoria é atribuída a Léon Genonceaux, é tematizado por Luciana Moura Colucci de Camargo. Em seu artigo, a professora mostra como o dandismo, a androginia e a artificialidade como simulacro, *tropos* característicos do decadismo, convergem em ambientes narrativos soturnos e lúgubres, típicos do Gótico.

Olga Ries, em seu artigo, propõe uma leitura de “Los Lisperguer y la Quintrala” como uma obra de ficção, sob a perspectiva das teorias do Gótico. A pesquisadora analisa a função simbólica de *la Quintrala* na narrativa, como sendo um *Doppelgänger* do Chile republicano, e como esse tema é continuado nas obras de outros escritores, como Magdalena Petit e Armando Arriaza.

No século XX, o Gótico adaptou-se perfeitamente ao cinema e à televisão. Não por acaso, portanto, os três artigos que fecham o dossiê dedicam-se a manifestações da estética gótica nessas mídias. Claudio Vescia Zanini reflete sobre um elemento recorrente na convenção literária gótica: a reivindicação da veracidade, entendida como um esforço para convencer o leitor/espectador de que a história contada de fato aconteceu. O artigo analisa de que maneiras essa reivindicação aparece em filmes do gênero *found footage*, observando os modos como as características do Gótico clássico são replicadas ou subvertidas neste subgênero do cinema de horror.

Também voltado para o cinema é o artigo de Daniel Serravalle de Sá, que discute o desenvolvimento da figura do zumbi dentro do contexto do Gótico americano, com ênfase em produções cinematográficas dos séculos XX e XXI. O pesquisador mostra como os zumbis

funcionam como uma metáfora cultural de ampla maleabilidade, ao simbolizarem uma preocupação humana permanente com a decadência do corpo e com a morte.

Fechando o dossiê – que esperamos tenha sido capaz de esboçar a pregnância e atualidade do gótico na cultural ocidental –, Mark MacLeod analisa a série televisiva *Dexter* (2006-2013) como um exemplo do *suburban gothic* contemporâneo. O ensaísta explora os sentidos da “trindade” na trama, a partir do surgimento do personagem “the Trinity Killer” e de um contínuo jogo de duplos ao longo da série.

Ao dossiê, seguem-se as seções de temas livres. No âmbito dos **Estudos Literários**, “‘Vestígios do passado’: o discurso histórico e a ficção pós-moderna”, de Paula Alves Chagas e Madalena Vaz-Pinto, abre as discussões, com um estudo do foco narrativo, do caráter metaficcional e das relações entre história e ficção dos romances *Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires, e *Nove noites*, de Bernardo Carvalho.

Na perspectiva de uma revisão da historiografia literária brasileira, Leonardo Mendes e Alexandre Amaral Ferreira apresentam um estudo sobre a trajetória do escritor catarinense Virgílio Várzea (1863-1941) e sugerem sua inclusão no rol dos escritores naturalistas brasileiros. De forma mais ampla, o artigo defende a existência de outros naturalismos no Brasil, especialmente aquele ligado ao descritivismo e ao decadentismo, pouco conhecido da história literária.

Ainda no âmbito dos estudos da história da literatura brasileira, Adriana Gomes de Paiva explora a pouco conhecida incursão de Carlos Lacerda na ficção, durante a sua juventude no Rio de Janeiro. Vivenciando as profundas transformações da antiga capital da República no começo do século XX, Lacerda escreveu uma série de contos em que focaliza o acelerado processo de modernização pelo qual passava a cidade.

Encerrando a seção, Gracineia dos Santos Araújo propõe uma reflexão sobre a condição social dos personagens do romance *El lápiz del Carpintero* (1998), do escritor galego Manuel Rivas. Centrando sua análise no protagonista Daniel da Barca, a ensaísta apresenta a obra como um chamamento à tolerância, como forma de se evitar que se cometam os mesmos erros do passado.

Representam a área dos **Estudos Linguísticos** três trabalhos dedicados ao ensino de língua. O primeiro deles, de autoria de Paula Barreto Silva e Ester Maria de Figueiredo Souza, discute as políticas linguísticas brasileiras através da análise dos materiais da “Olimpíada de Língua Portuguesa”, do projeto *Escrevendo o Futuro*. As conclusões apresentadas apontam

para a existência de uma política de ensino que prioriza os gêneros textuais escritos e tende a se caracterizar como um veículo de planificação do ensino de língua no país.

Carine Haupt e Neliane Raquel Macedo Aquino assinam o segundo artigo da seção, dedicado à análise do livro didático de ensino de língua estrangeira escolhido pelo MEC, *Freeway* (2010). As autoras focalizaram especificamente a questão da pronúncia em sala de aula, concluindo que as atividades do livro não condizem com uma abordagem comunicativa, conforme sugerem os autores da obra. Não obstante, reconhecem que tais atividades podem contribuir para uma melhor performance e auxiliar em uma comunicação efetiva.

Encerrando a seção dedicada aos **Estudos Linguísticos**, temos o artigo de Paulo da Silva Lima, sobre a correção interativa no ensino da produção textual. O articulista defende que essa forma de intervenção nos textos escolares pode estabelecer uma interlocução proveitosa entre alunos e professores. O trabalho foi realizado com alunos do Ensino Médio de uma escola pública, e concluiu que a intervenção interativa ajuda o educando a internalizar as principais características e funções sociocomunicativas dos gêneros.

Encerra este número 27 da *Soletras* a seção de **Ensino**, que apresenta pesquisa realizada por Neiva Fernandes e Helena Fontoura com alunos dos cursos de licenciatura da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. O estudo, de caráter qualitativo, avaliou o perfil, as motivações para o ingresso em cursos de formação para o exercício do magistério e as pretensões relacionadas à profissão dos futuros professores.

Pela oportunidade de organizar essa edição, gostaríamos de agradecer à Comissão Editorial, aos Conselhos Consultivos Interno e Externo, aos assessores e revisores técnicos, e, de modo especial, aos professores e pesquisadores que depositaram confiança em nosso trabalho. Esperamos ainda ter sido capazes de contribuir para a missão ética, educacional e intelectual da *SOLETRAS* – abrigar a diversidade de pensamento e o respeito pela pesquisa.

Que as releituras do Gótico literário e os demais artigos dessa edição possam inspirar outros trabalhos, outras perspectivas, outras descobertas.